

ADOLESCÊNCIA E USO DE SUBSTÂNCIAS PSICOATIVAS: O IMPACTO DO NÍVEL SOCIOECONÔMICO

Elisângela Maria Machado Pratta¹
Manoel Antônio dos Santos²

Estudos recentes têm enfatizado que é necessário precisar o impacto de dimensões específicas do contexto socioeconômico que pode funcionar como fator de risco em relação ao uso de drogas. Objetivou-se, com esse estudo, verificar possíveis relações entre uso de drogas psicoativas na adolescência e nível socioeconômico. Participaram 568 adolescentes que responderam questionário anônimo de autopreenchimento. As análises envolveram a descrição da distribuição das variáveis na amostra e análises estatísticas para determinar as diferenças encontradas. Contrariando expectativas do senso comum, adolescentes das classes média/média superior apresentaram percentual significativamente maior de uso, na vida, de álcool, tabaco, maconha e solventes, quando comparados com seus pares das classes baixa/baixa inferior. Esses dados sugerem a importância de estudos que busquem clarificar as possíveis influências do status socioeconômico sobre o consumo de drogas entre adolescentes.

DESCRITORES: adolescente; transtornos relacionados ao uso de substâncias; drogas ilícitas; saúde pública; promoção da saúde

ADOLESCENCE AND THE CONSUMPTION OF PSYCHOACTIVE SUBSTANCES: THE IMPACT OF THE SOCIOECONOMIC STATUS

Recent studies have pointed that it is necessary to define the impact of specific dimensions of the social-economic context that can work as risk factors regarding drug addiction. This study aimed to verify potential relationships between the drug addiction during adolescence and the social-economic level. A total of 568 adolescents participated in this study answering an anonymous self-filled questionnaire. The analyses involved the description of the variable distribution in the sample and statistical analyzes to determine the differences found. Contrary to the common sense, adolescents from the higher social classes presented a significant higher perceptual of alcohol, tobacco, weed and solvent consumption when compared to their counterparts from lower social classes. These data suggest the importance of studies that seek to clarify the possible influences of the social-economic status on the consumption of drugs among adolescents.

DESCRIPTORS: adolescent; substance-related disorders; street drugs; public health; health promotion

ADOLESCENCIA Y EL USO DE SUBSTANCIAS PSICOACTIVAS: EL IMPACTO DEL NIVEL SOCIOECONÓMICO

Estudios recientes han acentuado que es necesario precisar el impacto de dimensiones específicas del contexto socioeconómico que pueden funcionar como factores de riesgo en relación al uso de drogas. El objetivo de esta investigación fue verificar las posibles relaciones entre el uso de drogas en la adolescencia y el nivel socioeconómico. Participaron 568 adolescentes, que contestaron a un cuestionario anónimo de auto relleno. Contrario las expectativas del senso común, los adolescentes de las clases más altas presentaron un porcentaje perceptiblemente mayor de uso del alcohol, tabaco, marihuana y solventes en la vida en comparación con sus pares de las clases más bajas. Estos datos sugieren la importancia de los estudios que buscan clarificar las influencias posibles del estado socioeconómico en el consumo de drogas entre los adolescentes.

DESCRIPTORES: adolescente; trastornos relacionados con sustancias; drogas ilícitas; salud pública; promoción de la salud

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Psicologia, e-mail: emmppsic@scl.terra.com.br; ² Psicólogo, Docente do Departamento de Psicologia e Educação. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Brasil, e-mail: masantos@ffclrp.usp.br

INTRODUÇÃO

O estudo sobre o desenvolvimento humano na atualidade apresenta diversas perspectivas teórico-metodológicas, sendo que cada uma delas procura explicar, a partir de enfoque diferenciado, as dimensões que devem ser priorizadas para o entendimento dos processos adaptativos do indivíduo ao longo do seu ciclo evolutivo. Entretanto, observa-se ainda a necessidade de novos estudos que enfatizem o desenvolvimento de crianças e adolescentes expostos a situações adversas como, por exemplo, aqueles que vivem em situação de pobreza. É preciso compreender melhor os aspectos psicossociais envolvidos nesse contexto, bem como as implicações dessas experiências ao longo do ciclo vital das crianças e adolescentes⁽¹⁾.

A pobreza é fenômeno onipresente no mundo capitalista globalizado em que vivemos, alcançando níveis alarmantes em algumas regiões do planeta. Muitas vezes é caracterizada como desdobramento das relações históricas e estruturais de oposição entre os interesses de classes, sendo, portanto, resultado de fenômeno econômico que se configura na questão social e política derivada do antagonismo das relações entre capital e trabalho.

Todavia, apesar da tendência de encarar a pobreza em um nível macrossistêmico, reduzindo-a à dimensão material da miséria econômica, os efeitos gerados sobre o cotidiano dos agrupamentos humanos são imensos. A condição de pobreza pode se constituir em ameaça constante e real ao bem-estar da criança e do adolescente, na medida em que limita as suas oportunidades de desenvolvimento, conduzindo-os, em certas circunstâncias, à situação de miséria afetiva⁽¹⁾. Isso porque a miséria econômica é potencial gerador de uma série de contextos de risco ao desenvolvimento psicossocial dos indivíduos que se encontram em processo de amadurecimento cognitivo e emocional, constituindo fatores adversos relacionados às vivências de exclusão social. As diversas situações de privação de condições materiais de subsistência podem desencadear restrições severas no suprimento das necessidades básicas do indivíduo, incluindo aquelas de ordem afetiva, cognitiva e social.

No contexto familiar, esses elementos de risco repercutem no vínculo conjugal, contribuindo também para o aumento dos conflitos entre pais e filhos, o que afeta diretamente a dinâmica de

relacionamento entre eles⁽¹⁾. A falta de relacionamento familiar de qualidade interfere no processo de desenvolvimento saudável do indivíduo, podendo ser considerado fator de risco para crianças e adolescentes, no que diz respeito, por exemplo, ao uso abusivo de substâncias psicoativas e à delinquência⁽²⁾.

Crianças e adolescentes que crescem em um ambiente que se constitui como ameaça à sua saúde psicológica podem se tornar mais vulneráveis ao enfrentarem determinadas situações cotidianas, especialmente as ocorrências adversas. Entretanto, nem todos os indivíduos que vivenciam situações de risco apresentam problemas emocionais e/ou comportamentais⁽¹⁾, o que evidencia a multidimensionalidade e plasticidade dos processos adaptativos.

Nesse sentido, um fenômeno que permeia essas questões e que se tornou preocupante, tanto para a comunidade científica como para a sociedade em geral, principalmente a partir das últimas décadas do século XX, é o consumo de drogas entre os adolescentes, que tem apresentado altas prevalências e início cada vez mais precoce⁽³⁻⁶⁾. Frente a essa realidade, o abuso de substâncias psicoativas na adolescência tem se constituído em grave problema social e de saúde pública, tanto na realidade brasileira quanto em outros países⁽⁶⁻⁸⁾, disseminando-se em escala planetária.

Além disso, o primeiro contato com a droga ocorre, geralmente, na adolescência, etapa do ciclo evolutivo marcada por múltiplas e profundas mudanças no plano físico e psíquico, que tornam o adolescente mais vulnerável do ponto de vista psicológico e social⁽⁹⁻¹¹⁾. Entretanto, apesar dos adolescentes serem encarados como grupo de risco, no que diz respeito ao uso de substâncias psicoativas, os fatores que podem levá-los a utilizar drogas são variados. Os principais deles estão relacionados às características individuais e sociais, incluindo, nessa última categoria, a coletividade, a família e o grupo de pares⁽⁹⁾.

Os fatores de risco e de proteção em relação ao uso de drogas estão relacionados a seis domínios da vida (o individual, o familiar, o escolar, midiático, amigos e a comunidade de convivência) que apresentam relações entre si, sendo que cada pesquisa referente a essa temática enfatiza determinadas variáveis (por exemplo, sexo, idade, nível socioeconômico, desempenho escolar, trabalho,

uso de drogas na família, entre outros)⁽⁹⁾.

Partindo do referencial acima apresentado, alguns estudos foram realizados buscando verificar as possíveis relações entre classes sociais e uso de substâncias psicoativas na adolescência^(9,12). Entretanto, os achados evidenciam que, no que diz respeito ao uso, na vida, de álcool e tabaco, não foram verificadas diferenças significativas entre as classes sociais⁽¹²⁾, porém, no que concerne ao uso de outras substâncias, consideradas ilícitas, algumas diferenças se fazem presentes^(8,13). Um estudo realizado verificou que o uso na vida dessas substâncias foi superior nas classes mais favorecidas⁽⁸⁾. Em outra investigação com 478 adolescentes do ensino fundamental e médio, constatou-se que o consumo de substâncias não legalizadas foi maior entre adolescentes pertencentes à classe média do que aqueles da classe baixa⁽¹³⁾.

Frente a esse quadro, o presente estudo buscou verificar as possíveis relações existentes entre uso de substâncias psicoativas na adolescência e nível socioeconômico.

MATERIAL E MÉTODO

Trata-se de estudo epidemiológico, transversal do tipo levantamento por amostragem (*survey*), exploratório e descritivo⁽¹⁴⁾. A população alvo da investigação foi constituída por adolescentes com idades entre 14 e 20 anos, que estavam cursando o ensino médio, tanto em escolas públicas quanto em escolas da rede privada de ensino da cidade de São Carlos, município com cerca de 192.923 habitantes do interior do Estado de São Paulo. Em função do número elevado de adolescentes dentro do perfil estabelecido, foi selecionada amostra representativa para a realização do estudo. Para a seleção da amostra foi adotado o método de amostragem probabilística por conglomerados (as escolas a serem selecionadas por sorteio) e estratificada (considerando-se como estratos as diferentes regiões da cidade, definidas por certas características socioeconômicas, dentro das quais estavam localizadas as escolas)⁽¹⁴⁾.

Após aprovação do projeto pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP (Processo nº 010/2001 - 2001.1.6.59.1) solicitou-se a anuência das instituições de ensino. A partir das listagens de escolas, fornecidas pela Diretoria de Ensino do

município, a amostra de adolescentes que participariam do estudo foi obtida em dois estágios: no primeiro estágio foram sorteadas as escolas e, no segundo, foram levantadas as turmas das escolas previamente sorteadas que participariam da pesquisa.

Responderam ao instrumento de coleta de dados 620 adolescentes, dentre os quais 52 foram excluídos da amostra final por apresentarem: a) preenchimento incompleto ou não compreensão das perguntas; b) idade superior ao limite etário definido para o estudo (20 anos). Assim, participaram da pesquisa 568 adolescentes de ambos os sexos, com idades entre 14 e 20 anos, de diferentes segmentos sociais - avaliado segundo o nível socioeconômico, que estavam cursando o ensino médio nas escolas e turmas previamente sorteadas, os quais foram devidamente autorizados pelos pais ou responsáveis, que assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido. Além do termo assinado pelos pais, os estudantes também assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido específico, destinado a eles, para participarem da pesquisa. O estudo foi desenvolvido no período de abril a dezembro de 2002.

Foi utilizado, para a coleta de dados, um questionário anônimo e de autopreenchimento, composto por 62 questões fechadas, abordando dados gerais referentes ao participante (dados sociodemográficos tais como sexo, idade, grau de instrução entre outros) e à organização familiar (profissão e nível de escolaridade dos pais, renda familiar entre outros), além de questões que avaliavam o nível de conhecimento sobre substâncias psicoativas e as opiniões dos adolescentes sobre o uso de drogas e o padrão de consumo por parte dos mesmos. Destaca-se que as questões formuladas sobre o uso de substâncias tiveram como base o instrumento proposto pela Organização Mundial da Saúde e adaptado para a realidade brasileira⁽¹⁴⁾ e as questões referentes ao nível socioeconômico das famílias dos estudantes participantes do estudo foram baseadas no questionário desenvolvido e validado em 1996⁽¹⁵⁾. O instrumento foi previamente testado em um estudo piloto com a finalidade de corrigir possíveis inadequações e ajustar o procedimento de coleta de dados.

Os questionários foram aplicados coletivamente em sala de aula, sem a presença do professor, em dias previamente marcados com a escola, os professores e os alunos. Quando necessário, foram realizadas até duas novas visitas

à escola com a finalidade de aplicar os instrumentos aos alunos ausentes na primeira aplicação, diminuindo, assim, o índice de perdas por falta às aulas. Foram poucos os casos de pais que não autorizaram a participação dos filhos adolescentes no estudo, assim como de estudantes que não quiseram participar da investigação. Considerando-se que cada sala tinha em média 35 alunos, aproximadamente de um a dois alunos não foram autorizados pelos pais, o que equivale a 3 ou 6% do total de alunos de cada classe. Por outro lado, número variando entre dois e três alunos por sala optou por não participar do estudo (aproximadamente 6 a 8,6% de cada classe).

O tempo médio de aplicação do instrumento foi de 50 minutos, sendo que, ao término do preenchimento, os adolescentes depositavam o questionário em uma urna lacrada. Esse procedimento foi adotado com a finalidade de reforçar a questão do sigilo e do anonimato, assegurando maior fidedignidade dos resultados.

A análise dos dados obtidos foi efetuada com o auxílio do programa estatístico SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*). Primeiramente foram realizadas as análises descritivas, que envolveram: a) descrição da distribuição das variáveis na amostra estudada; b) teste do qui-quadrado, para avaliar as possíveis associações entre as diferentes variáveis categóricas abordadas no questionário. Posteriormente, foram realizadas análises univariada e multivariada, sendo aplicado o método da regressão logística múltipla, adotando-se o intervalo de confiança de 95%.

RESULTADOS

As substâncias psicoativas atuam diretamente no sistema nervoso central (SNC), podendo causar alterações comportamentais, de humor, de cognição e de percepção, podendo ser de uso lícito ou ilícito. Segundo seu mecanismo de atuação no SNC, podem ser classificadas em três categorias: (a) depressoras - provocam redução da atividade cerebral, levando ao relaxamento, como, por exemplo, álcool e sedativos; (b) estimulantes - provocam aumento da atividade cerebral, fazendo com que o estado de vigília se prolongue, por exemplo, nicotina, cocaína, anfetaminas entre outras e (c) perturbadoras - perturbam a fisiologia do SNC,

podendo provocar distorção na percepção das cores e formas, além de provocarem delírios, ilusões e alucinações, como o caso da maconha e do LSD⁽¹⁶⁾.

A Tabela 1 apresenta a caracterização dos adolescentes segundo o nível socioeconômico. Dos 568 adolescentes participantes do estudo, foram considerados para essa análise aqueles que já haviam feito ou estavam fazendo uso de substâncias psicoativas, exceto álcool e tabaco, sem prescrição médica (n=134) e aqueles que nunca utilizaram nenhum tipo de substância psicoativa (n=57), com a finalidade de verificar diferenças significativas.

Tabela 1 - Caracterização do nível socioeconômico dos adolescentes participantes do estudo considerando-se o uso e o não uso de substâncias psicoativas. São Carlos, SP, 2003

Característica	Não usuário		Usuário*	
	F	f%	F	f%
Nível socioeconômico (NSE)	A	-	1	0,7
	B	7	13	9,7
	C	56	25	18,7**
	D	171	41	30,6
	E	184	49	36,6
	F	9	5	3,7
	NR	7	-	-
Total	434	100	134	100

* Foram inseridos nesta categoria os adolescentes que pontuaram ter utilizado (pelo menos uma vez na vida) ou utilizar qualquer tipo de substância psicoativa (exceto álcool e tabaco) sem prescrição médica.

** Diferenças estatisticamente significantes entre os grupos (teste do qui-quadrado), $p < 0,05$.

A variável socioeconômica foi calculada a partir da combinação dos seguintes indicadores socioeconômicos: rendimentos, número de membros da família, escolaridade, habitação e ocupação dos membros da família⁽¹⁵⁾. A classificação de classe social possui seis estratos específicos, variando desde a categoria A (classe alta) até a categoria F (classe baixa inferior).

No que diz respeito à variável nível socioeconômico, considerando-se ambos os grupos, verificou-se que a categoria E (baixa superior) foi a que apresentou as maiores frequências, seguida pela categoria D (média inferior). Para as duas categorias, as porcentagens obtidas para o grupo de não usuários foi maior, comparando-se com o grupo de usuários, embora não tenham sido observadas diferenças estatisticamente significantes entre os grupos. Porém, na categoria C (média), a frequência verificada para o grupo de usuários foi maior quando comparada à frequência observada para o grupo de não usuários nessa

categoria social (18,7 e 12,6%, respectivamente). Nesse caso, a diferença verificada entre os dois grupos de adolescentes foi estatisticamente significativa ($p \leq 0,05$), o que permite dizer que entre os adolescentes dessa amostra há porcentagem maior de usuários na classe média do que de não usuários nessa mesma classe.

A Tabela 2 centra-se na questão do uso, na vida, de substâncias psicoativas pelos adolescentes, tomando-se por base os diversos estratos sociais atingidos pelo estudo e os diferentes tipos de substâncias focalizadas.

Verificando-se os dados, pode-se constatar que o uso, na vida, de álcool é elevado para todos os estratos sociais considerados no estudo, sendo verificadas diferenças estatisticamente significativas entre algumas categorias. Nesse sentido, os dados revelam que a porcentagem de uso, na vida, de álcool foi significativamente maior entre os adolescentes que pertencem às classes média superior e média (90 e 80%, respectivamente) comparativamente ao percentual obtido pela classe baixa superior (65,2%) ($p < 0,05$).

Essa mesma tendência foi verificada para o uso, na vida, do tabaco, cujas porcentagens foram significativamente maiores para os adolescentes inseridos nas classes média superior e média, quando comparados com os adolescentes pertencentes à classe baixa superior ($p < 0,05$). Por outro lado, os adolescentes da classe baixa inferior apresentaram percentual de uso, na vida, de tabaco maior quando comparados ao grupo de adolescentes que pertencem à classe média, sendo as diferenças observadas estatisticamente significativas (35,7 e 32%, respectivamente) ($p < 0,05$).

No que diz respeito ao uso, na vida, de maconha, observou-se que os adolescentes da classe

média superior apresentaram percentual de consumo dessa substância significativamente maior quando comparados aos adolescentes inseridos na classe baixa superior. Por outro lado, foram também observadas diferenças estatisticamente significativas entre outros dois grupos. Verificando-se os dados, constata-se porcentagem maior de uso, na vida, de maconha para os adolescentes da classe baixa inferior comparativamente àqueles que pertencem à classe média ($p < 0,05$).

Além desses achados, é importante destacar ainda que o uso, na vida, de solventes apresentou porcentagem maior para os adolescentes das classes média superior e média (40 e 23,4%, respectivamente) quando comparados aos adolescentes inseridos nas classes baixa superior e baixa inferior (3,4 e 14,3%) ($p < 0,05$). Para as demais substâncias não foram verificadas diferenças significativas entre os grupos considerados para essa análise.

DISCUSSÃO

Observando-se a literatura, os dados obtidos no presente estudo diferem em alguns pontos de outros levantamentos realizados, que enfocaram as duas variáveis em questão, ou seja, uso de substâncias psicoativas na adolescência e nível socioeconômico. Os resultados não são convergentes com os obtidos em um outro estudo⁽⁸⁾, no qual não foram verificadas diferenças significativas no consumo de substâncias psicoativas de acordo com a classe social, no que diz respeito ao uso, na vida, de álcool e tabaco, enquanto que, no presente estudo, foram constatadas algumas diferenças significativas.

Tabela 2 - Uso, na vida, de substâncias psicoativas pelos adolescentes em função do nível socioeconômico e das diferentes drogas abordadas no estudo. São Carlos, SP, 2003

Tipos de drogas	Nível Socioeconômico (NSE)													
	Alta (n= 1)		Média superior (n= 20)		Média (n=81)		Média inferior (n= 212)		Baixa superior (n= 233)		Baixa inferior (n= 14)		Não respondeu (n= 7)	
	f	%	F	%	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
Maconha*	-	-	6	30	11	13,5	16	7,5	21	9	4	28,6	-	-
Alucinógenos	-	-	-	-	2	2,5	4	1,9	2	0,8	1	7,1	-	-
Cocaína	-	-	-	-	-	-	5	2,3	5	2,1	2	14,3	-	-
Anfetamina	-	-	-	-	-	-	6	2,8	4	1,7	-	-	-	-
Anticolinérgicos	1	100	-	-	-	-	-	-	1	0,4	-	-	-	-
Solventes*	1	100	8	40	19	23,4	13	6,1	8	3,4	2	14,3	-	-
Tranquilizantes	-	-	-	-	2	2,5	5	2,3	8	3,4	1	7,1	-	-
Opiáceos	-	-	1	5	3	3,7	14	6,6	16	6,9	1	7,1	-	-
Sedativos	-	-	-	-	1	1,2	1	0,5	-	-	-	-	-	-
Anabolizantes	-	-	-	-	4	4,9	3	1,4	1	0,4	-	-	-	-
Álcool*	1	100	18	90	65	80	162	76,4	152	65,2	9	64,3	5	71,4
Tabaco*	-	-	13	65	26	32	48	22,6	54	23	5	35,7	3	42,8

* Diferenças estatisticamente significantes entre os grupos, considerando-se o tipo de substância consumida (teste do qui-quadrado), $p < 0,05$.

Nesse sentido, os dados obtidos diferem também dos achados de outros autores⁽¹²⁾ que, por sua vez, não identificaram diferenças significativas no que diz respeito ao uso de álcool e tabaco, considerando-se a distribuição do consumo atual dessas substâncias pelas diversas camadas sociais.

No que se refere ao uso, na vida, de substâncias não legalizadas, porém, um estudo verificou que esse índice foi superior nas classes mais favorecidas⁽⁸⁾, dado consistente com os achados de outros investigadores⁽¹³⁾. Segundo os autores desse último estudo, realizado com 478 adolescentes do ensino fundamental e médio, o consumo de substâncias não legalizadas foi maior na classe média do que na classe baixa. Esse fato pode ser justificado pelo custo mais alto desse tipo de substância, comparativamente ao álcool e ao tabaco, o que faz com a mesma seja utilizada, com maior frequência, por adolescentes com poder aquisitivo maior. Outros autores⁽¹²⁾, por sua vez, também notaram que o consumo de substâncias não legalizadas é maior na burguesia (classe alta e média superior).

É importante destacar também outros autores⁽¹⁷⁾ que trabalharam com essa questão e identificaram, em linhas gerais, a partir do agrupamento dos estudantes com maior e menor poder aquisitivo, que o consumo de substâncias psicoativas foi maior para os primeiros, dados que, de certo modo, corroboram os demais achados verificados na literatura.

CONCLUSÕES

Em relação ao nível socioeconômico, o presente estudo aponta maior probabilidade de uso de substâncias psicoativas entre os adolescentes da classe média e alta, particularmente no que diz respeito ao uso de álcool e tabaco. Esses dados divergem de outros estudos da área, que não identificaram a influência do nível socioeconômico no que diz respeito ao consumo de drogas.

Os dados obtidos em relação a essa variável, entretanto, indicam a necessidade de que novos estudos abordem essa questão, com a finalidade de compreender de forma mais minuciosa a influência específica da condição socioeconômica da família sobre o comportamento do adolescente. Isso porque, quando se trabalha a questão do nível socioeconômico em estudos que têm como temática o consumo de substâncias psicoativas na adolescência, os indicadores sociais que possibilitam a caracterização do nível socioeconômico da família são avaliados pelo próprio adolescente, o qual, muitas vezes, não tem informação precisa sobre os mesmos (por exemplo, a variável renda), apresentando respostas que podem não estar retratando fielmente a realidade, podendo influenciar diretamente nos resultados obtidos sobre essa questão.

Nessa direção, estudo realizado em nosso contexto evidenciou a dificuldade da operacionalização das classes sociais para aplicação em pesquisas epidemiológicas, uma vez que a temática em questão aliada aos respondentes (no caso os adolescentes), impõem outras dificuldades oriundas pelas necessidades de se utilizar um questionário auto-aplicável e a falta de informação dos adolescentes sobre o trabalho de seus pais⁽¹²⁾.

Além disso, é importante destacar que alguns estudos associam o uso de drogas na adolescência com forma de lidar com situações adversas presentes na realidade. Frente à sociedade em processo de mudanças aceleradas, a desagregação das famílias e um mundo violento que tende a negar valores morais e até mesmo éticos, a toxicomania surge para o adolescente como estratégia de evasão da realidade e caminho para o que pensam ser a felicidade⁽¹⁸⁻¹⁹⁾. Entretanto, os dados apresentados possibilitam destacar que a vivência de situações adversas relacionadas à pobreza não apresenta relação linear e direta com o uso de substâncias psicoativas na adolescência, uma vez que esse consumo, atualmente, atinge todas as classes sociais, sendo que algumas substâncias apresentam frequência maior para classes mais abastadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Cecconello AM, Koller S. Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estud Psicol* 2000; 5(1):71-93.
2. Feijó MC, Assis SG. O contexto de exclusão social e de vulnerabilidade de jovens infratores e de suas famílias. *Estud Psicol* 2004; 9(1): 157-66.

3. Guimarães JL, Godinho PH, Cruz R, Kappann J, Tosta LA Junior. Consumo de drogas psicoativas por adolescentes escolares de Assis, SP. *Rev Saúde Pública* 2004; 38(1):130-2.
4. Ribeiro TW, Pergher NK, Torossian SD. Drogas e adolescência: uma análise da ideologia presente na mídia escrita destinada ao grande público. *Psicol Reflex Crit* 1998; 11(3):421-30.

5. Toscano A Junior. Adolescência e drogas. In: Seibel, SD, Toscano A Junior, organizadores. Dependência de drogas. São Paulo (SP): Editora Atheneu; 2001. p. 283-302.
6. Pratta EMM, Santos MA. Levantamento dos motivos e dos responsáveis pelo primeiro contato de adolescentes do ensino médio com substâncias psicoativas. Rev Eletrônica, Álcool e Drogas 2006; 2(2). [acessado em 15 de agosto de 2007]. Disponível em: http://www2.eerp.usp.br/resmad/resmad4/artigo_titulo.asp?rnr=81
7. Sanceverino SL, Abreu JL. Aspectos epidemiológicos do uso de drogas entre estudantes do ensino médio no município de Palhoça 2003. Ciênc Saúde Col 2004; 9(4):1047-56.
8. Tavares BF, Béria JU, Lima MS. Prevalência do uso de drogas e desempenho escolar entre adolescentes. Rev Saúde Pública 2001; 35(2): 150-8.
9. Schenker M, Minayo MCS. Fatores de risco e de proteção para o uso de drogas na adolescência. Ciênc Saúde Col 2005; 10(3): 707-17.
10. Soldera, M, Dalgalarondo P, Corrêa Filho HR, Silva CAM. Uso de drogas psicotrópicas por estudantes: prevalência e fatores sociais associados. Rev Saúde Pública 2004; 38(2):277-83.
11. Rebolledo EA, Medina NMO, Pillon SC. Factores de riesgo asociados al uso de drogas em estudiantes adolescentes. Rev Latino-am Enfermagem 2004; 12(nº especial):369-75.
12. Muza G, Bettiol H, Muccillo G, Barbieri MA. Consumo de substâncias psicoativas por adolescentes escolares de Ribeirão Preto, SP (Brasil). II - Distribuição do consumo por classes sociais. Rev Saúde Pública 1997; 31(2): 163-70.
13. Baus J, Kupek E, Pires M. Prevalência e fatores de risco relacionados ao uso de drogas entre escolares. Rev Saúde Pública 2002; 36(1): 40-6.
14. Carlini-Cotrim B, Barbosa MTS. Pesquisa epidemiológicas sobre o uso de drogas entre estudantes: um manual de orientações gerais. São Paulo (SP): CEP Medicina; 1993.
15. Graciano MIG, Lehfeld NAS, Neves A Filho. Critérios para classificação sócio-econômica: elementos de atualização. Serviço Soc Realidade 1999; 8(1):109-28.
16. Galduróz JC, Noto AR, Carlini EA. IV Levantamento sobre o uso de drogas entre estudantes do 1º e do 2º graus em 10 capitais brasileiras. São Paulo: CEBRID; 1997.
17. Souza DPO, Martins DTO. O perfil epidemiológico do uso de drogas entre estudantes de 1º e 2º graus da rede estadual de ensino de Cuiabá, Brasil, 1995. Cad Saúde Pública 1998; 14(2): 391-400.
18. Drummond MCC, Drummond HC Filho. Drogas: a busca de respostas. São Paulo (SP): Loyola; 1998.
19. Kalina E, Kovadloff S, Roig PM, Serran JC, Cesaram F. Drogadição hoje: Indivíduo, família e sociedade. Porto Alegre: Artes Médicas; 1996.